



XIV SEUR – III Colóquio Cidade e Cidadania

Vila Flores: prática social de desenvolvimento no 4º. Distrito de Porto Alegre

Judite Sanson de Bem,
Profa. Dra. da Universidade Lasalle, judite.bem@unilasalle.edu.br

Renata B. Dellamea Ferraz,
Doutoranda da Universidade Lasalle, llamea@terra.com.br

Resumo

O objetivo do artigo é apresentar o espaço cultural Vila Flores e sua inserção na busca do desenvolvimento do 4º. Distrito de Porto Alegre. Região considerada decadente pelo abandono dos setores industriais e comerciais, que historicamente lá se instalaram, o território foi renascendo aos poucos nos anos de 1990, dada às iniciativas por parte do poder público e da comunidade. Da ideia de reutilizar imóveis antigos e convertê-los em locais para fomentar atividades econômicas, vislumbrou-se o prédio residencial conhecido “Condomínio Vila Flores” como um espaço potencial para ofertar práticas culturais voltadas à economia criativa. Da ideia, concretizou-se a ação em 2013, através da criação da Associação Vila Flores, responsável pela gestão do empreendimento. Caracterizada como uma entidade sem fins econômicos, a Associação potencializou o espaço tecendo ações criativas e inovadoras por meio de decisões colaborativas e compartilhadas. Nesse sentido, a problematização do estudo volta-se para: de que forma o Vila Flores age para promover o desenvolvimento do 4º. Distrito? Os resultados apontam para um modelo mais democrático de gestão, promoção de atividades culturais e educacionais diversificadas e fortalecimento de parcerias externas.

Palavras-chave

desenvolvimento local, 4º. Distrito, Vila Flores

Abstract

The aim of the article is to present the Vila Flores cultural space and its insertion in the search for the development of the 4th. District of Porto Alegre. A region considered decadent by the abandonment of the industrial and commercial sectors, which historically settled there, the territory was gradually reborn in the years of 1990, given the initiatives by the public power and the community. From the idea of reusing old buildings and converting them into places to stimulate economic activities, the residential building known as "Condomínio Vila Flores" was seen as a potential space to offer cultural practices focused on the creative economy. From the idea, the action was concretized in 2013, through the creation of the Association Vila Flores, responsible for the management of the venture. Characterized as a non-economic entity, the Association has enhanced space by weaving creative and innovative actions through collaborative and shared decisions. In this sense, the problematization of the study turns to: how Vila Flores acts to promote the development of the 4th. District? The results



point to a more democratic model of management, promotion of diversified cultural and educational activities and strengthening of external partnerships.

Key-words

local development, 4th. District, Vila Flores

4º. Distrito de Porto Alegre: prática social de desenvolvimento no 4º. Distrito de Porto Alegre

1.Introdução

O 4º. Distrito de Porto Alegre atualmente se configura num território de iniciativas criativas e inovadoras. No entanto, essa característica contrasta com seu histórico de desenvolvimento que no século XIX sofreu com a transferência de empreendimentos industriais e comerciais para outras áreas. Atento a esse ciclo, o setor público buscou construir ações, da mesma forma que a comunidade local, para reverter o processo decadente que lá se presenciava. A reorganização da produção e formas sociais mais integradas e sistêmicas emergiram como elementos essenciais para trazer à tona um novo ciclo de prosperidade.

Alguns teóricos sustentam, como PUTNAM (1996), que o processo de desenvolvimento, seja ele local ou global, se explica elencando o capital social como atributo essencial, e como PECQUET (apud PIRES et al., 2006) que coloca a capacidade de inovar, juntamente com a capacidade de se adaptar e regular. Além disso, outros elementos são igualmente importantes como ações coletivas, participativas, sustentáveis, bem como valores culturais, confiança, solidariedade e integração. Confiança que se amplia com processos de decisões mais coletivos como é o caso “Condomínio Vila Flores” localizado no 4º. Distrito e que se apresenta como um projeto colaborativo e inovador das relações sociais, justificando, assim, um estudo mais detalhado de sua atuação.

Nesse sentido, o objetivo no presente artigo é apresentar o espaço cultural Vila Flores e sua inserção na busca do desenvolvimento do 4º. Distrito de Porto Alegre. Para isso, o artigo apresenta a seguir a metodologia; e posteriormente, referencial teórico sobre desenvolvimento local, contextualização do 4º. Distrito e análise das atividades do Vila Flores. Por fim, a conclusão.

2.Metodologia

Para atender ao objetivo proposto, o presente estudo se enquadra como aplicado, descritivo, bibliográfico, estudo de caso e quantitativo. A coleta dos dados das ações do Vila



Flores foi feita a partir da obtenção dos arquivos disponíveis da página, desde 2013 até 2017, onde foi possível classificar as ações conforme os eixos norteadores da gestão da Associação. Como resultados, pode-se observar que as práticas adotadas promovem o desenvolvimento do 4º. Distrito através de atividades culturais variadas, além de promover a integração entre diferentes atores sociais. As discussões necessárias para entender esse movimento, valeram-se de teóricos sobre desenvolvimento local, da compreensão histórica da formação da região, além da apresentação do modelo de gestão adotado pela Associação, através de seu Estatuto, que permite identificar a colaboração e participação mais democrática entre gestores e residentes para a promoção das atividades culturais oferecidas para a comunidade e seu entorno.

3. Desenvolvimento local: conceitos teóricos iniciais

Entendido, inicialmente, como sinônimo de crescimento, progresso e aumento da riqueza, e ainda, como um processo de ampliação contínua da capacidade de agregação de valor sobre a produção e sua capacidade de absorção (FILHO, 2001), o significado do termo desenvolvimento econômico vem se redefinindo desde os anos 80. Se antes a ênfase focava sobre a endogeneidade do desenvolvimento, hoje sua abordagem traz elementos como sustentabilidade, território, participação cidadã e valores culturais. Ou seja, fatores antes não analisados pelas teorias clássicas enaltecem a importância do espaço local como “o *locus* privilegiado em que ocorre de fato esse desenvolvimento” (ANDION, 2003, p. 1044) e do território como um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que permite potencializar as relações entre indivíduos e grupos em prol do desenvolvimento, refletindo em práticas passíveis de expressar “[...] um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado geográfico.” (ALBAGLI, 2004, p. 28)

Ao encontro disso, PIRES; MULLER e VERDI (2006) reforçam que o desenvolvimento nos anos 90, trouxe um caráter mais institucionalizado e sistêmico, que permitiu a sociedade organizar a produção social e criar espaços participativos que conduziram a uma mudança integrada e permanente no bem-estar da população. Com essa visão, a abordagem do desenvolvimento não recaiu, apenas, sobre o desempenho e competências técnicas das regiões, e sim sobre o capital social gerado e mantido no território.

Capital social entendido como as redes de relações, normas de comportamento, valores, confiança, obrigações e canais de informação permitindo tomada de ações mais colaborativas. (PUTNAM, 1996) Capital social traduzido no trabalho em conjunto



relacionado à “capacidade de uma determinada região construir redes de reciprocidade e solidariedade cívicas organizadas...focadas não na competição, mas na cooperação entre indivíduos, grupos e instituições das diferentes esferas da sociedade.” (ALDION, 2003, p. 1045) Capital social entendido como meio facilitador do compartilhamento de informações e conhecimentos, bem como para meio para reduzir custos, promover o espírito cooperativo, relações de confiança, referências sócio-culturais e objetivos comuns, além de melhorar a coordenação e coerência nas ações e, ainda como meio para promover

maior estabilidade organizacional devido a processos de tomada de decisões coletivos; maior conhecimento mútuo, ampliando a previsibilidade sobre o comportamento dos agentes, reduzindo a possibilidade de comportamentos oportunistas e propiciando um maior compromisso em relação ao grupo. (ALBAGLI; MACIEL, 2002, p. 12)

Nesse formato, dimensões humanas como ações coletivas, participativas e populares; e valorização dos elementos sociais, históricos e culturais predominantes nas regiões foram moldando o processo. (PIMENTA, 2014) Espaços participativos começaram a representar então, uma oportunidade para o debate e tomada das decisões coletivas estreitassem os laços de confiança. Confiança proveniente da ampliação da participação dos atores no processo decisório distribuindo melhor os recursos e a implementação de políticas, resultando em negociações mais apropriadas. (COELHO e FAVARETO, 2008)

Pecquer (2000)¹ aponta para três fatores explicativos que recaem sobre o desenvolvimento territorial: a capacidade de inovação, adaptação e regulação. A capacidade de inovação, técnica ou social, volta-se para a reorganização da produção e promoção da cooperação, associação e integração entre os atores. A capacidade de adaptação vincula-se à solidariedade espacial como a infra estrutura urbana, habitantes e empresas onde “este coletivo de atores deve estar inserido na cultura do meio onde está instalado... ter uma consciência clara e positiva de sua identidade local e da sua cultura industrial... ser reconhecido e legitimado como tal pelo corpo social.” E a capacidade de regulação, feita de normas e regras de comportamento que melhoram a convivência entre os atores, organizam as relações, criam autonomia relativa prolongando a solidariedade espacial.

Nesse aspecto, o comprometimento e a abertura dos gestores também devem ser considerados a fim de garantir a “permeabilidade do ambiente institucional às demandas trazidas pela participação” bem como os “mecanismos de comunicação e interação adotados”.

¹ apud PIRES; MULLER e VERDI, 2006, p. 449.



(FILHO, 2001, p. 103) Ou seja, uma “animação social” composta de sinergia, informação e articulação entre atores, instituições, cultura, procedimentos, recursos e entorno devem ser criadas nesse processo. (BOISIER, 1996) Considerando esses elementos, pode-se entender melhor o desenvolvimento das regiões, como é o caso do 4º. Distrito de Porto Alegre, objeto da próxima seção.

3.1 4º. Distrito de Porto Alegre²: desenvolvimento de um território emergente

Discorrendo das concepções teóricas mais recentes sobre desenvolvimento, que enfatizam uma visão integrada entre os atores e na sustentabilidade das ações, dá para entender o estágio econômico e social que se encontra, atualmente, o 4º. Distrito de Porto Alegre. Desenvolvimento iniciado pelos governantes públicos locais, no século XIX, seu objetivo visou atrair os setores industriais para lá se instalarem a fim de ampliar as transações comerciais com o exterior. No entanto, antes dos anos de 1970, o processo de decadência na área tornou-se visível, e, aos poucos, o abandono, tanto dos empreendimentos quanto da população local, foi delieando uma outra imagem para a região. Para reverter esse processo, o poder público “intensificou o caráter industrial da região.... passando a oferecer uma série de atrativos para as novas indústrias, como menor custo do solo, maior oferta de mão-de-obra e melhores incentivos fiscais” (TITTON, 2012, p.23)³ e , nos anos 90, a execução de três ações foram apresentadas como alternativas para reconversão da área: o Programa Porto Alegre Tecnópolis, o novo Plano Diretor do Município e a criação do Grupo Executivo do 4º. Distrito.

O Porto Alegre Tecnópolis, instituído em 1995, surgiu com o objetivo de promover ações articuladas a fim de tornar a Região Metropolitana de Porto Alegre numa tecnópolis. Seus principais projetos eram: Tecnópolis a Domicílio; Regiões de Potencial Tecnológico (REPOTs); Teleporto Descentralizado; e a Rede de Incubadoras. Desses, o projeto REPOTs incluiu o 4o. Distrito, pois tinha como objetivo recriar ambientes urbanos para sediar novos empreendimentos de base tecnológica, principalmente nas regiões que já possuísem infraestrutura, implantando um condomínio de empresas de base tecnológica, com aproximadamente 15 empresas, aproveitando um antigo prédio industrial e fortalecer

² O 4º. Distrito se designa como uma área de Porto Alegre que inclui os bairros Navegantes, São Geraldo, Floresta, São João, Humaitá, Farrapos e Centro Histórico. A denominação do termo remonta o século XIX, quando Porto Alegre organizava-se em distritos.

³ apud BALTAR, 2015, p. 25



empresas de base tecnológica, principalmente na área de eletrônica e informática. (MOREIRA, 1999).

Já o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental – PPDUA de Porto Alegre, instituído em 2011, definiu um novo modelo de desenvolvimento do município na qual o 4º. Distrito se enquadrava. Dessa ação, o 4º. Distrito mostrou-se como uma área estratégia de *promoção econômica* voltada para a “[...] dinamização da economia da cidade, a melhoria da qualidade de vida e a qualificação da cidadania, através de ações diretas com a comunidade e com os setores produtivos, assim como a articulação com outras esferas de poder”. ”. (LEI COMPLEMENTAR Nº 667, 2011, p. 32) E, ainda, como uma *área de interesse cultural* caracterizada pela ocorrência de patrimônio cultural representativo da história da cidade, e uma *área miscigenada* servindo “[...] tanto para atividades residenciais como de comércio, serviços e indústrias, distribuindo-se, com relação ao uso, em diferentes categorias que representam graus de restrição diferenciados quanto ao porte e à variedade de atividades”. (LEI COMPLEMENTAR Nº 667, 2011, p. 47)

Por fim, o Grupo de Trabalho Executivo objetivou estruturar um novo estágio de desenvolvimento urbano e econômico para o 4º. Distrito onde a inovação foi apontada como fator principal. O grupo reforçou o aprimoramento e desenvolvimento de tecnologias, produtos e serviços conforme o contexto urbanístico específico da região e o fortalecimento da cooperação entre município, instituições de ensino, empresas, organizações e população. Foi apresentado um diagnóstico que resultou na identificação de três clusters na região, o da economia criativa, da educação e da saúde; e um plano para a revitalização urbana e reconversão econômica do 4º. Distrito, onde o grupo identificou a necessidade de envolver o setor privado na construção de empreendimentos residenciais e comerciais diversos, e o setor público nos investimentos de infraestrutura. (SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO, 2015)

3.2 A experiência colaborativa do Condomínio Cultural Vila Flores

Localizado na antiga zona industrial do 4º. Distrito, o Condomínio Vila Flores é um espaço importante no processo de desenvolvimento local. Dados do IBGE atestam que o bairro no qual se insere, Bairro Floresta, apresenta indicadores econômicos, sociais, ambientais e de infra-estrutura que permitem vislumbrar um potencial significativo na região. Com relação ao perfil dos residentes, o bairro tem um baixo índice de analfabetismo de 1,24%, uma população jovem de 19,55% e idosa de 21,92%, e rendimento médio de 5.96



salários mínimos. Quanto à infra-estrutura, a energia elétrica cobre 99,85% do domicílios; a iluminação pública 100%; a pavimentação 97,33%; a água potável 99,32% e esgoto 99,64%. E, ainda, a arborização compreende 97,67% do bairro e o destino do lixo atinge 99,85% do total dos domicílios (residenciais/industriais).(PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2010) Ou seja, o território tem condições humanas e materiais para retomar um novo ciclo de desenvolvimento.

Com esse objetivo, em 2010, a comunidade local, artistas e coletivos da cidade, uniram-se com os proprietários do Condomínio Vila Flores visando readequar seu uso para a criação de um espaço cultural, onde práticas colaborativas relacionadas à economia criativa pudessem revitalizar o 4º. Distrito. (WALLIG E SIELSKI, 2013) Com a aceitação desse projeto por parte de seus proprietários, o condomínio de 2.332m², datado da década de 1920, (Figura 1 e 2), composto por dois prédios interligados, cedeu seu espaço para locação de empreendedores criativos e inovadores.

Figura 1 - Centro Cultural Vila Flores, vista do prédio na lateral



Foto: autoras



Foto: autoras

Para melhorar a gestão do condomínio, em 2013, foi criada uma associação responsável por sua gestão e pela articulação junto ao poder público, iniciativa privada e comunidade local, Associação Cultural Vila Flores, comprometida em construir ações que buscassem o desenvolvimento local, através de tomadas de decisões colaborativas e compartilhadas. Conforme as regras de gestão, o conjunto abrigaria artistas, empreendedores criativos e profissionais de diversas áreas como arquitetura, engenharia, design, comunicação, tecnologia, vestuário, teatro, artes entre outros, contribuindo para formar uma identidade própria. Conforme o estatuto, o caráter da Associação voltaria para o setor cultural, recreativo, técnico, educacional ambiental e científico, objetivando desenvolver atividades que servissem de exemplo para toda a sociedade. Para atingir esse objetivo, constituem-se em rendas para a associação, as contribuições dos associados, os bens móveis e imóveis; as doações e



subvenções; bem como os resultados das próprias atividades desenvolvidas, onde para que a melhor eficiência de gestão, a estrutura organizacional da entidade se subdividiria em :Assembleia Geral, Diretoria Executiva, Conselho Consultivo e Conselho Fiscal, cada um com competências específicas. O Conselho Consultivo traçaria a política da Associação, elencando suas prioridades, programas e ações, contemplando quatro eixos norteadores, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 – Eixos norteadores das ações do Condomínio Vila Flores

Norteadores	Descrição
Arte e Cultura	Artes Visuais, Artes Cênicas, Audiovisual, Música, entre outros.
Educação	Cursos, oficinas, seminários e encontros para troca de conhecimentos e experiências.
Empreendedorismo	Incentivo aos produtores locais e iniciativas que fazem a conexão entre negócios criativos, sociais e colaborativos.
Arquitetura e Urbanismo	Fomento ao debate sobre questões urbanas e promoção de atividades para a concretização de projetos cujo objetivo é a melhoria da vida na cidade.

Fonte: Vila Flores < <https://vilaflores.wordpress.com> >

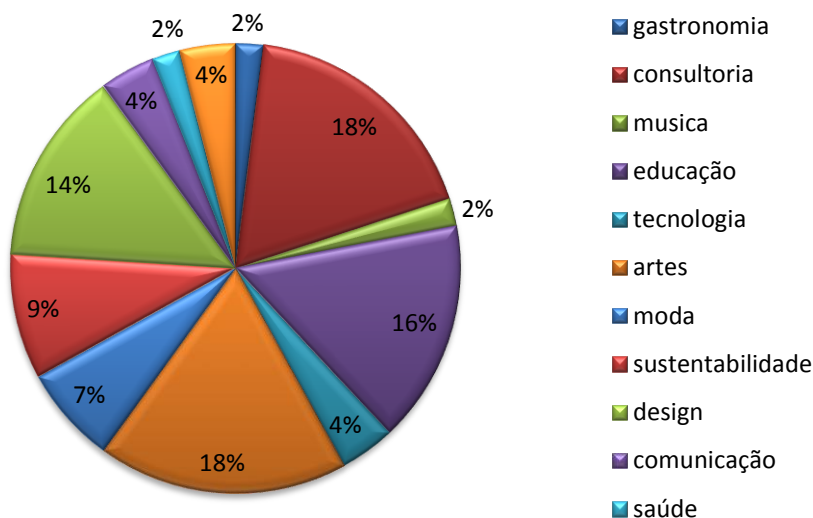
Baseando-se nesses eixos, todos os residentes participam ativamente das atividades culturais, desde a discussão e concepção inicial da ideia até apresentação da atividade em si, ou seja, o envolvimento dos residentes ultrapassa a oferta do serviço ou comércio de seus produtos. (ASSOCIAÇÃO VILA FLORES, 2014)

3.2.1 Práticas sociais do Condomínio Vila Flores

De posse do entendimento do processo de gestão da Associação, nesse momento, parte-se para uma análise da forma como os gestores e residentes do Vila Flores impactam no processo de desenvolvimento da região. Com relação às áreas de atuação dos 46 residentes, antigos e novos, pode-se perceber, conforme o Gráfico 1, que as áreas de consultoria e artes possuem grande representatividade sobre o total, cada uma com 18% de participação, seguida da educação com 16%; design com 14%; sustentabilidade com 9% e moda 7%.



Gráfico 1 - Percentual das áreas de atuação dos Residentes do Vila Flores - 2017



Fonte: autoras

Ou seja, praticamente todas as áreas dos residentes estão voltadas para a economia criativa, conforme já identificado pelo Grupo Executivo do 4o. Distrito, como forma de incentivar a recondução do processo produtiva na região.

Como pode-se observar na Tabela 1, pode-se ver que dos quatro eixos temáticos a dominância das ações se concentraram, ao longo de 2013 a 2017 na Arte e Cultura e Educação. Iniciativas no eixo do Empreendedorismo, também, teve importância como o terceiro eixo norteador das ações; enquanto que Arquitetura e Urbanismo apareceu como último foco das ações, em todos os anos analisados.

Tabela 1 – Ações oferecidas conforme eixos norteadores, 2013-2017

Eixos	%				
	2013	2014	2015	2016	2017
Arte e Cultura	50%	28%	28%	21%	42%
Educação	50%	56%	60%	67%	39%
Empreendedorismo	0	13%	8%	8%	11%
Arquitetura e Urbanismo	0	3%	4%	4%	8%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: autoras

Com relação às modalidades das atividades que o Vila Flores proporcionou à comunidade, a Tabela 2 seguinte, evidencia que em 2013, a concentração das ações ficaram em Cursos/Oficinas/Aulas e Filmes com 29% cada um. Já em 2014 a diversificação das



atividades proporcionou a ascensão da modalidade de Bate-papo/Palestras/Workshops com 30%, seguida Cursos/Oficinas/Aulas com 20%. Já em 2015 volta a dominar Cursos/Oficinas/Aulas com 33% e as Festas/Encontros/Grupos de Estudo dividiram posição com Bate-papo/Palestras/Workshops, cada um com 19% de participação. Já em 2016 Cursos/Oficinas/Aulas com 28% e Festas/Encontros/Grupos com 17% assumiram a primeira e segunda colocação, respectivamente. E por fim, em 2017 Bate-papo/Palestras/Workshops com 23% e Teatro/Música/Dança com 18% figuraram entre as ações de destaque.

Tabela 2 – Ações oferecidas conforme eixos norteadores, 2013-2017

Atividades	%				
	2013	2014	2015	2016	2017
Exposições	14%	3%	5%	11%	15%
Teatro / Música / Dança	14%	20%	12%	10%	18%
Filmes	29%	3%	4%	3%	8%
Cursos / Oficinas / Aulas	29%	24%	33%	28%	13%
Festas / Encontros / Grupos de estudos	0%	3%	19%	17%	10%
Bate-papo / Palestras / Workshops	14%	30%	19%	14%	23%
Visitas	0%	10%	3%	10%	4%
Empreendedorismo	0%	7%	5%	7%	9%
total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: autoras

Convém ressaltar ainda, que a modalidade Visitas e Empreendedorismo apresentaram posições variantes ao longo do tempo, mas no ano de 2017 o Empreendedorismo aumentou sua participação para 9%, enquanto que as Visitas cresceram em 2016 em 10%. As Exposições tiveram ascensão crescente entre 2016 e 2017, merecendo destaque também. Nesse aspecto, vê-se que o Vila Flores constrói sua trajetória, empreendendo diferentes atividades culturais. Com a tomada de decisões construída de forma colaborativa e compartilhada, as ações oferecidas são variadas, ou seja, são as comunidades voltadas à colaboração, participação e trabalho conjunto que se constituem-se em entidades mais preparadas para criarem e inovarem, como aponta FILHO (2001)

Quanto às articulações do Vila Flores, a convivência entre os atores organizam as relações potencializando a solidariedade espacial, conforme coloca PECQUET(.apud PIRES et al., 2006) conforme destaca o Quadro 2. O envolvimento da comunidade confere aderência dos moradores locais às iniciativas da Associação, destacando o Projeto “Vila Flores de Portas Abertas” que oportuniza visitação semanal no local por parte da comunidade, e projeto



“Vila 60+” que objetiva reunir pessoas da terceira idade, entre outras propostas. Além disso, as universidades e escolas, na medida em que se aproximam do Vila Flores, através das visitas, também proporcionam a abertura para que gestores e residentes do espaço relatem suas experiências nos eventos em que são convidados a participar. ALBAGLI (2004) coloca que é no território que age um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais, e que na territorialidade o vivido territorial acontece e as práticas sociais são reflexos das relações com o meio de referência.

Quadro 2 – Articulações do Vila Flores com atores sociais

Articulações externas		Descrição da ação
Comunidade	População do 4º. Distrito	Todas as atividades promovidas. Merece destaque o Projeto Vila de Portas Abertas e o Vila 60+, Arraial, Mingau entre outros.
Universidades	PUC; UFRGS; UNISINOS; UNILASALLE; UNIRITTER; IPA; ULBRA	visita alunos, participação do Vila em eventos nas universidades através de palestras.
Escolas	Escola José Cesar de Mesquita; Escola Convexo; Colégio Batista; Escola Municipal José Plácido de Castro de Sapucaia do Sul; Cidade Escola Ayni – Educação e Sustentabilidade	Visita alunos
Governo	FASE – Fundação de Atendimento Sócio-Educativo no Vila Flores	Visita alunos
	Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul	participação do Vila Flores no Edital Pró-Cultura da Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul 2016, “Vila Flores uma experiência aberta”
	Ministério da Cultura	Vila Flores selecionado ao Prêmio Brasil Criativo
	Bienal do Mercosul	Vila Flores palestra no microsimpósio.
Entidades Privadas nacionais	Sebrae	visita de alunos no Vila Flores; Vila Flores no evento WORKCRED; projeto com foco em casas colaborativas e coworkings
	Anprotec	visita de alunos do curso de gestão de incubadoras
	Goeth Institut	participação do Vila Flores nos eventos: 1. “Compartilhar e Trocar – Seminário Internacional de Economia Colaborativa” na sede do Goethe; 2. “Comunes – Encontro Internacional de Economias Colaborativas e Cultura Livre” em Buenos Aires na Argentina; 3. “Kultursymposium”, em Weimer na Alemanha.
	SESC - São Paulo	Participação do Vila Flores no Curso de Gestão de Espaços Colaborativos do SESC de São Paulo
Entidades Internacionais	15ª Bienal Internacional de Arquitetura de Veneza	Mostra do Projeto Vila Flores. Exposição Internacional de Arte em Giardini - Itália
	Towards the Human City	Vila Flores participa do projeto internacional de cidades



Exposição Internacional de Arte em
Giardini

Vila Flores participa de exposição na Itália

Fonte: autoras

Conforme o quadro, observa-se que a Associação foi contemplado com recursos públicos para manter suas atividades, através do projeto “Vila Flores: uma experiência aberta” que visou integrar profissionais da área artística e cultural, incentivar o empreendedorismo social colaborativo, conectar os moradores do bairro e comunidade em geral com a produção dos grupos residentes no condomínio, revitalizar um patrimônio histórico, contribuir para a regeneração urbana do entorno e engajar a comunidade “em diálogos sobre espaços de convívio e bens culturais e sociais. (ASSOCIAÇÃO VILA FLORES, 2016, p.5) Com a criação de mercados culturais gerados pelas ações trans e multidisciplinares do projeto, os profissionais residentes, abririam perspectivas a seus produtos oportunizando a circulação de bens, pessoas e ideias. A produção de riqueza impactou no desenvolvimento local pelo intercâmbio de conhecimentos entre os grupos, por ações coletivas, participativas e populares. Nesse aspecto, PUTNAM (1996) coloca que a colaboração é um importante elemento do capital social.

Além da parceira com o Estado, o Goethe Institut oportunizou ao Vila Flores participar do evento “Compartilhar e Trocar – Seminário Internacional de Economia Colaborativa” em Porto Alegre; do evento “Comunes – Encontro Internacional de Economias Colaborativas e Cultura Livre”, em Buenos Aires na Argentina, onde pode estreitar relações com pessoas envolvidas na prática de projetos alternativos de desenvolvimento; e do evento em Weimer na Alemanha, onde apresentou sua proposta e estabeleceu contato com outras ações empreendidas pelos participantes europeus. Ou seja, o Vila Flores pode mostrar seu projeto para além de suas fronteiras geográficas e conhecer outras ações inovadoras voltadas para a sustentabilidade do desenvolvimento econômico.

Soma-se a isso, ainda, a participação do Vila Flores com entidades internacionais visando a divulgação de seu modelo cultural, através de exposições. Como aponta ALBAGLI (2004), o aprendizado, os contatos, a troca de experiências, a aproximação com os atores locais, os espaços visitados e a rede de relações formadas pelas parcerias construídas ao longo do tempo, fortalecem as práticas sociais adotadas na gestão do espaço. Essas interações dinamizam os processos de inovação, aprendizado, empreendedorismo, cooperação tecnológica, produtiva, comercial entre outras, gerando desdobramentos importantes na criação de redes de negócios, formação de público, conhecimento, educação e acessibilidade.



4. Conclusão

A partir dessa análise, foi possível compreender a forma como o Vila Flores vem atuando no território do 4º. Distrito, atingindo o objetivo proposto. A compreensão teórica apresentada sobre desenvolvimento local, permitiu identificar o modelo de gestão definido pelo espaço, onde a participação, cooperação, formação de redes, compartilhamento de informação e conhecimento são fatores importantes na condução das atividades culturais oferecidas para a comunidade e na construção de sua identidade. Os eixos norteadores de suas ações e a diversidade de eventos ofertados, demonstram o comprometimento da Associação Vila Flores em reconduzir economicamente a região. O processo de tomada de decisões mais participativas entre seus residentes e a construção de ações que atendam as demandas culturais da comunidade e seu entorno, ficam evidenciadas na análise.

O estreitamento das parcerias do Vila Flores com agentes externos abre canais de comunicação importantes para divulgar seu modelo de espaço cultural fortalecendo as relações entre os diferentes atores sociais. Nesse sentido, percebe-se que o 4. Distrito é capaz de alavancar um novo estágio de desenvolvimento, através de projetos sustentáveis, como o caso do Condomínio Vila Flores que aposta na cooperação e trabalho em conjunto como mecanismos indutores do processo.

Referencial

ALBAGLI, Sarita. **Território e Territorialidade**. Apud: Braga, Christiano; Morelli, Gustavo; Lages, Vinícius N. Territórios em Movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Brasília, Sebrae, 2004.

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lúcia. **Capital social e empreendedorismo local** Rede de pesquisas em sistemas produtivos e inovadores locais. Rio de Janeiro, 2002..

ANDION, Carolina. Análise de redes e desenvolvimento local sustentável. RAP. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO VILA FLORES. **Projeto Vila Flores: uma experiência aberta**. Porto Alegre, 2016.

_____. **Estatuto**. Porto Alegre. 2014.

BALTAR, Lucia Scorza. **O Distrito Cultural: a mudança no imaginário do 4º. Distrito de Porto Alegre**. 2015. Monografia (Graduação em Comunicação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015

BOISIER, Sergio. Em busca do desenvolvimento regional: entre a caixa-preta e o projeto político. **Revista Planejamento e Políticas Públicas**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 111-147, junho. 1996.



COELHO, Vera Schattan; FAVARETO, Arilson. **Dilemas da participação e desenvolvimento territorial**. Revista de Desenvolvimento Econômico, Salvador, Bahia, Ano X, nº 18, dez/2008. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1034/812>> Acessado em: 20 abr. 2017.

FILHO, Jorge Renata de Souza. **Participação e cooperação: elementos para uma nova política de desenvolvimento regional**. Ensaios Fee, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 86-114, 2001. Disponível em: <http://hdrnet.org/587/1/Links%20BQ/68_Desenvolvimento_regional_endogeno_capital_social_coopera.pdf> Acessado em: 20 abr. 2017.

FILHO, Jair do Amaral. **A endogeneização no desenvolvimento econômico regional e local**. Revista Planejamento e Políticas Públicas.No. 23, Rio de Janeiro, 2001.

LEI COMPLEMENTAR Nº 667, de 3 de janeiro de 2011, Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Porto Alegre.

MOREIRA, Cássio Silva. **Porto Alegre Tecnópole: uma estratégia de desenvolvimento**. Monografia. Ufrgs. Porto Alegre, 1999.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Tendências do desenvolvimento: elementos para reflexão sobre as dimensões sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. Taubaté, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 44-66, set. 2014. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/1471/394>>. Acessado em: 3 jan. 2017.

PIRES, Elson L. S.; MULLER, Geraldo; VERDI, Adriana Renata. **Instituições, Territórios e Desenvolvimento Local: delineamento preliminar dos aspectos teóricos e morfológicos**. Revista Geografia, Rio Claro, v. 31, n. 3, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Indicadores Bairro Floresta**. Disponível em: <http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=26_0_0> Acessado em: 10 mar. 2017

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO. **Grupo Executivo do 4º. Distrito**. Acessado em 15 de dezembro de 2016. Secretaria Municipal de Urbanismo. Porto Alegre, 2015 Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/4d.pdf>

WALLIG, Antonia; SIELSKI, Lucas. **Projeto Vila Flores. Práticas artísticas colaborativas pela revitalização de processos criativos no meio urbano**. Encontro Nacional ANPAP, Belém, 2013.